

Se no ano passado eu visitei a Findhorn Foundation para realizar um sonho que me acompanhou durante treze anos da minha vida, desta vez eu não sabia por que estava indo.

O programa para o qual eu havia me inscrito (e a razão pela qual a minha viagem aconteceu antes da viagem do grupo) foi cancelado na última hora. Em nenhum momento me ocorreu cancelar meus planos também, mas eu já não tinha mais a motivação original para estar na Fundação. Senti frustração e tristeza por não poder estar com as pessoas que sabia que encontraria lá, busquei compreender os motivos para isto ter acontecido. E resolvi ir e deixar que o próprio lugar e o tempo me revelassem a razão de eu ter ido. Eu já havia planejado também um passeio pela Escócia e uma visita a Amsterdã durante a longa conexão entre o voo que saiu de São Paulo e o que me levaria até Edimburgo. Então, fui chegando em Findhorn aos poucos, antes admirando as obras de Van Gogh no museu que leva o seu nome, passeando pela linda cidade de Edimburgo, por Inverness, pela mágica Ilha de Skye. Em várias ocasiões me emocionei, rindo e chorando ao mesmo tempo, pensando em tudo que havia conspirado durante toda a minha vida, em tudo que eu havia superado e transformado para que pudesse estar, naquele exato momento, subindo uma montanha coberta de névoa feito cenário de filme em plena Escócia ou parada no meio da Royal Mile, olhando para um castelo que começou a ser construído no século XII.

Cheguei em Cluny Hill, uma das sedes da Fundação, numa sexta-feira a tarde, local onde morei durante a minha semana em Findhorn. Porém, meu programa só começaria no sábado e eu reservei um local para dormir por uma noite no Park, a outra sede. Como eu ainda tinha bastante tempo antes que o ônibus da fundação me levasse de um lugar ao outro, decidi passear pelo bosque. Assim que comecei a caminhar, várias penas de pássaros no chão, formando uma trilha. Fui caminhando e recolhendo as penas, uma a uma, pensando no que elas poderiam simbolizar. Coloquei-as no bolso e voltei para Cluny, para pegar o ônibus. Ao chegar ao Park, a sensação de ter voltado para casa. Foi lá que fiquei por três semanas no ano passado, onde tive experiências muito belas (algumas bastante dolorosas) e transformadoras e convivi com pessoas que passaram ser parte muito importante da minha vida. Fui novamente caminhar (os dias são longos no quase-verão escocês) para matar as saudades daquele lugar lindo. Entrei no bosque que dá acesso à praia e, subitamente e pela primeira vez, a raiva me invadiu. Por que as coisas não tinham acontecido conforme o planejado? Minha vontade era de correr até a praia e gritar, até me esvaziar de toda raiva. Mas não fiz isso e decidi acolhê-la e ficar com ela. Caminhei até o Nature Sanctuary, lugar especial para mim onde, no ano anterior, cantávamos Taizé todas as manhãs e onde eu meditava todas as vezes em que sentia a tristeza me invadir. Ao passar pela casa dos jardineiros, vi a figura do anjo da Compreensão na janela (os anjos nos acompanham em todos os lugares em Findhorn): “a habilidade para incluir uma compreensão profunda da vida em suas interações, ao invés de apenas transferir seu conhecimento de uma experiência a outra. Agir com sinceridade e empatia”. Aos poucos, fui me acalmando.

No sábado pela manhã voltei para Cluny, com malas e bagagens: meu programa, o Being in Community, teria início após o almoço. Sempre tiramos um anjo para nos acompanhar pela semana, e um anjo para o grupo. O meu foi o anjo da Aventura e o do grupo, o da Liberação. Resolvi me deixar guiar por eles, e foi muito bom! No meu grupo havia mais quatro pessoas: um casal muito inspirador do Canadá: Lisa, professora de música e uma pessoa divertidíssima e

Tucker, professor de artes, com quem tive longas conversas metafísicas; Daniel, de Luxemburgo, engraçado e doce, que visita o Brasil com frequência e adorou ter com quem praticar o português; e Audun, norueguês, com um senso de humor afiadíssimo e uma profundidade e sabedoria imensas nos seus 24 anos de idade. Nossa focalizadora, Karen, de uma doçura e carinho ímpares, contribuiu para que nos conectássemos com muita rapidez e intensidade.

Durante esta semana descobri muito sobre mim e, principalmente, reafirmei aquilo que quero para minha vida: manifestar-me em toda a minha potência através da minha expressão, da arte, do corpo, da voz. Lembrei-me que, na tradição celta, os bardos usavam mantos feitos com penas de pássaros, e agradei pelo presente que recebi nas minhas primeiras horas lá e que me dava notícias do quanto expressar-me pelas artes é importante para mim e me empodera. Dancei e toquei tambor na celebração do solstício de Verão, cantei bossa-nova enquanto Lisa me acompanhava ao piano do salão de baile de Cluny, cantei músicas irlandesas no tea break do meu trabalho em Cullerne, dancei e cantei de novo na festa no jardim, cantei Taizé todas as manhãs, participei de uma vivência de biodanza, quase aprendi a tocar harpa celta (se tivéssemos conseguido arrumar uma harpa...)... Enfim, a música e a dança me acompanharam durante toda a minha estada lá. Também visitei as fadas em suas moradas nas moitas de tomilho, catei pedrinhas na praia, comi fish and chips no Kimberley (best fish & chips ever!), jantei com uma amiga escocesa na casa-caravan de uma monja budista, me senti acompanhada o tempo todo por alguém muito querido, ouvi confidências de várias pessoas com quem nunca havia conversado, fiz sauna e entrei na piscina gelada depois de uma meditação kundalini, tomei longos banhos de banheira perfumados com lavanda, fiz cheesecake de morangos com meu grupo para a festa no jardim, arei e preparei a terra, plantei pepinos, colhi alfaces e ruibarbo. Tive sonhos muito simbólicos e significativos, muito pertinentes ao momento que estou vivendo. Altos insights. E participei do Jogo da Transformação.

Ah, o Jogo da Transformação. Para jogarmos, precisamos elaborar um propósito. Tivemos um encontro na segunda a noite especialmente para fazermos isto, elaborarmos aquilo que gostaríamos de receber do jogo e o que queríamos oferecer para ele. Depois de meditarmos e conversarmos sobre como o jogo funciona (eu já conhecia, mas algumas outras pessoas, não) cheguei ao meu propósito: “eu pretendo usar o meu poder como mulher para ser uma real agente de transformação nas minhas comunidades”. Para isto, eu estava oferecendo a minha capacidade de escuta profunda e minha empatia para os demais participantes do jogo. Transformei meu propósito em arte, e na quarta pela manhã jogamos, com a focalização muito afetuosa e tranquila de Ulrika, que estava pela primeira vez focalizando um jogo em Findhorn.

Em resumo, o que o jogo me mostrou foi que tudo o que eu preciso para manifestar o meu poder e usá-lo como ferramenta de transformação já existe em mim. Que muitas transformações já ocorreram, que eu aprendi a reconhecer e a honrar o meu jeito único de ser, que antes me causava sentimentos de inadequação, mas que agora reconheço ser minha grande potência. Fui abençoada pelo Anjo da Luz e com qualidades como prazer, equilíbrio, desenvolvimento, naturalidade, perdão, tolerância, riso, acolhimento, amizade, franqueza, alegria... O anjo da Aventura apareceu novamente, desta vez acompanhado pela Coragem. E é disto que eu preciso para, finalmente, manifestar meu poder em plenitude: ter coragem de me

aventurar. E, ao fazer isto, recebo um agradecimento do Universo: “obrigado por ousar amar!”.

Faz duas semanas que estou de volta (já?!?!?) e ainda me sinto no processo de aterrissagem. Refletindo muito sobre tudo o que aconteceu, sobre os significados profundos que esta viagem ganhou, sobre os presentes, os aprendizados, as relações, os desdobramentos. Percebo que tirei muito poucas fotografias de lá. Mas, tudo bem: as fotos não representariam jamais tudo o que vivi. E aqui estou, cada vez mais pronta para assumir este poder que pertence a mim e a mais ninguém. No ano que vem estarei de volta a Findhorn, cada vez mais inteira, cada vez mais eu.